

História oral e memórias religiosas no tempo presente

Leandro Seawright¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v16i46.67058>

Resumo: O argumento deste artigo é que a memória religiosa se expressa inclusive por meio da oralidade de que pode ser compreendida alternativamente através da história oral desde as dimensões de *comunidades* delimitadas em projetos de pesquisa característicos da área. Para tanto, realiza-se uma produção menos empírica embora, ainda assim, traga-se à análise algumas pesquisas de história oral com religiosos apresentadas ou defendidas por pesquisadores do Núcleo de Estudos em História Oral – NEHO/USP. A memória religiosa está no centro desta abordagem que sinaliza para procedimentos numa história oral ligada à noção de *tempo presente*.

Palavras-chave: História Oral; Memória Religiosa; Religião; Religiosidade; Espiritualidade.

Oral history and religious memories in the present time

Abstract: The argument of this article is that religious memory is expressed even through orality that can be understood alternatively through oral history since the dimensions of *communities* delimited in research projects characteristic of the area. To this end, a less empirical production is carried out although, even so, some oral history research with religious presented or defended by researchers from the Núcleo de Estudos em História Oral - NEHO/USP is brought to the analysis. Religious memory is at the center of this approach, which signals oral history procedures linked to the notion of *present time*.

Keywords: Oral History; Religious Memory; Religion; Religiosity; Spirituality.

¹ Doutor em História Social – FFLCH/USP. É professor adjunto classe C, Nível I, nos cursos de licenciatura e bacharelado em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados – FCH/UFGD. Também é professor no Programa de Pós-graduação stricto sensu em História (mestrado e doutorado) da Universidade Federal da Grande Dourados – PPFCH/UFGD. Coordena o Laboratório de Estudos em História Oral Aplicada – FCH/UFGD e integra a Diretoria da Associação Brasileira de História Oral – ABHO. E-mail: leandroseaw@gmail.com

Storia orale e memorie religiose nel tempo presente

Astratto: L'argomentazione di questo articolo è che la memoria religiosa si esprime anche attraverso l'oralità che può essere compresa alternativamente attraverso la storia orale a partire dalle dimensioni delle *comunità* delimitate nei progetti di ricerca caratteristici dell'area. Per questo, viene realizzata una produzione meno empirica, ma che comunque porta all'analisi alcune ricerche di storia orale con religiosi presentate o difese da ricercatori del Núcleo de Estudos em História Oral - NEHO/USP. La memoria religiosa è al centro di questo approccio che segnala procedure di storia orale legate alla nozione di *tempo presente*.

Parole chiave: Storia orale; memoria religiosa; religione; religiosità; spiritualità.

Recebido em 09/02/2023 - Aprovado em 11/09/2023

Introdução

Este artigo é dedicado à Palavra falada e à possibilidade de escuta requalificada por projetos em *memória de expressão oral*². É o caso de se assumir que o texto trata, dessarte, das iniciativas limitadas ao debate de conceitos; pressupostos, itinerários úteis em investidas de pesquisadores ocupados com expressões de fé nas relações sociais imediatas³. Imperioso ponderar de que não se entende a experiência religiosa como homogênea, e, tampouco, pretende-se propor um modelo algo enrijecido para projetos de história oral com religiosos como se todos os fiéis fossem iguais ou vivessem da mesma maneira. De igual forma, compreende-se a história oral como plural, dinâmica e elaborada por diversas correntes ou genealogias de pesquisadores (grupos, laboratórios, núcleos de pesquisa, etc.).

Nesse sentido, o artigo *reconhece e problematiza* variações entre vivências espirituais difusas na malha social, assim como as experiências de seus integrantes. *In casu*, defende-se que faz diferença – para a pesquisa qualitativa –, compreender a história da instituição religiosa por meio da história de vida do religioso; ou, por exemplo, a história da mística através da história de vida do místico e a história da religiosidade com base na história da espiritualidade humana. As elaborações da vida e da fé dos religiosos se mostram relevantes quando existem, portanto, atrações de *pessoas leitoras às histórias das próprias pessoas* ou de *comunidades espirituais*.

² Assume-se, aqui, que a memória de expressão oral se exprime de maneira diferente daquela que ocorre por meio do código escrito ou daquela que se mostra por meio do patrimônio material.

³ A palavra imediata, contudo, não tem conotação imediatista e opera na marcação do “agora”.

Amiúde, teólogos preocupados com a pastoral propõem definições singelas mesmo quando dialogam com autores de densidade como Paul Tillich. Depois de mencionar as balizas abstratas e intrincadas do pensamento *tillichiano*, o teólogo Éd René Kivitz estabeleceu, em sua dissertação, considerações sobre a tríade espiritualidade-religião- religioso⁴:

Espiritualidade – *Dimensão humana* que faz com que o ser humano esteja preocupado de forma última com sua relação de ser e não-ser, seu *status* diante do infinito, sua angústia diante de sua finitude e anseio de transcendência, seu terror e fascínio diante daquilo que o toca incondicionalmente; impulso que conduz o ser humano a confrontar as ameaças à sua auto-afirmação como ser diante do não-ser.

Religião – Conjunto de símbolos, ritos e normas que materializam para um grupo específico de pessoas a maneira como representam e se relacionam com o sagrado, o *numinoso*, o *Mysterium Tremendum*, dos espíritos, dos deuses, e, em última instância, de Deus.

Religioso – Domínio da religião, o elemento próprio do mundo dividido entre sagrado e profano, aberto e desejoso da experiência do *numinoso*, do *Mysterium Tremendum*, dos espíritos, dos deuses, e, em última instância, de Deus (KIVITZ, 2007, p. 48).

Os pressupostos simples e diretos de Kivitz guardam – não sem algum esquematismo – certa sofisticação ainda que tenha elidido aquilo que, em Maurice Halbwachs, constitui-se como cimento das vivências religiosas: a *memória coletiva* (1990). Nesse sentido, o artigo *Linguagem, memória e religião no pensamento de Maurice Halbwachs*, escrito por Dario Paulo Barreira Rivera, é não somente um apanhado competente sobre *memória coletiva*, mas a demonstração de que:

Para Halbwachs, a memória religiosa depende de três elementos: lugares, pessoas e acontecimentos. Dentre essas três formas de fixação da verdade, o lugar tem maior

⁴ Além desses três elementos, Kivitz procura por definições do “sagrado” e do “secular”.

possibilidade de se apresentar de maneira concreta. As pessoas e os acontecimentos são passageiros e podem ser imitados, mas não se repetem jamais. As pessoas não são instantâneas como os acontecimentos; durante o tempo de vida, elas podem contribuir com seus testemunhos para a fixação de uma lembrança. Os lugares, diferente das pessoas e acontecimentos, permanecem, oferecendo à memória certa estabilidade (RIVERA, 2018, p. 1184).

O *argumentum* deste artigo – com fundamento na problemática já suscitada – é, então, de que (I) a memória religiosa se expressa inclusive por meio da oralidade e de que (II) pode ser compreendida alternativamente através da história oral desde (III) as dimensões de *comunidades* delimitadas em projetos de pesquisa característicos da área. Dessa forma, faz-se possível avaliar, *no e pelo* empírico, situações notadamente concretas de grupos variados que dizem respeito à vida religiosa *em si* e mesmo de suas intersecções possíveis com a trajetória política de grupamentos humanos.

Onde há religiões, religiosidades e espiritualidades existem relações de memória.

Perguntando-se, por consequência, sobre a natureza da história das religiões, seus problemas teóricos e metodológicos, a historiadora italiana Maria Vittoria Cerutti disse que

Se lo storico delle religioni per delimitare il proprio campo d'indagine e dedidere quali fenomeni analizzare e quali, invece, escludere, deve fare esplicito o implicito riferimento a una 'definizione' di religione, tuttavia non può appellarsi a definizioni sistematiche, rigide e preconstituite, a differenza del filosofo e del teologo (CERUTTI, 2014, posição 2067)⁵.

A esse propósito, para outro historiador italiano das religiões, Adone Agnolin, aquilo que “nós ocidentais (sic) chamamos por muito tempo – a ‘religião’ – pelo menos do ponto de vista histórico - cultural” (AGNOLIN, 2013, p. 12) pode ser considerada como

⁵ Embora o historiador das religiões deva referir-se explícita ou implicitamente a uma "definição" de religião, a fim de delimitar o seu campo de investigação e deduzir que fenômenos analisar e quais excluir, não pode apelar a definições sistemáticas, rígidas e pré-constituídas, ao contrário do filósofo e do teólogo CERUTTI, 2004, p. 2067).

[...] *codificação humana de valores*: estes se devem prospectar em uma durabilidade que sirva, justamente, para superar as contingências efêmeras, complexas e incompreensíveis da história, para oferecer uma perspectiva ao agir humano (AGNOLIN, 2013, p. 12).

O agir humano implica, para além da História, e, em particular, da história das religiões, a *escuta* de memórias verbalizadas? Seria possível *falar*, superando-se as rígidas estruturas religiosas, de religiosidades e de espiritualidades sem tocar na memória como campo mais aberto, flexível, vivo, dinâmico, plural, ético, além de estético? A *fé por escrito* – de conteúdo impingido nas *Escrituras Sagradas* no caso dos monoteísmos –, importa tanto quanto as histórias sobre denominações cristãs ou sobre as instituições religiosas com frequência estudadas. Por evidente, a axialidade das *Escrituras Sagradas* para os monoteísmos se sustenta como egrégia condição para crer. Por outro lado, não se negligencia a *fé falada*.

Assim é que

toda a religião tem também sua história, ou antes, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos geralmente muito distantes no passado, e que aconteceram em lugares determinados. Ora, seria muito difícil evocar o acontecimento se não imaginássemos o lugar que conhecemos geralmente não porque o vimos, mas porque sabemos que existe, que poderíamos vê-lo, e que em todo o caso, sua existência está garantida através das testemunhas (HALBWACHS, 1990, p. 157).

Pretende-se, pois, não a análise institucional da *estrutura mecânica da modernidade* que valoriza a organização econômica, racionalista, individualista e determinista; mas, seguindo-se as pistas da memória religiosa em Halbwachs, pode-se avançar para compreender como a estrutura do tempo presente se torna complexa ou orgânica, remetendo-se sempre ao funcionamento das lembranças que circulam nas massas ou nas pessoas que conformam *comunidades*. Neste caso, as *comunidades espirituais* – sejam quais forem –, são produtoras de memórias sobre elementos místicos ao mesmo tempo em que podem responder às novas feições do laço político, às novas conformações da sociedade.

A *via* que exsurge à análise neste artigo é justamente aquela que combina a história oral e a *memória de expressão oral* em sua dimensão horizontal. *Viver junto* é aquilo que

significa o laço societário e, portanto, que circunstancia *memórias espirituais*. Antes de ser um artigo que cuida de instituições nomeadas, separadas e abordadas por dissecação estrutural (no modelo do denominacionalismo), propõe-se a percepção da *memória coletiva* como fundamento para a compreensão do *coletivo*. Sem embargo, a história oral – com sua referida pluralidade de acepções –, é mais uma possibilidade na panóplia *disciplinar* ou *metodológica* das ciências humanas e sociais orientadas pelo tempo presente (DELGADO; FERREIRA, 2014).

São apresentadas três partes para o entendimento propedêutico da matéria: “Memória religiosa”, “História oral e projetos com religiosos” e “O caso do NEHO/USP”. Enquanto as duas primeiras partes estão preenchidas por conceitos ou procedimentos, na terceira se apresenta algumas pesquisas realizadas por componentes do Núcleo de Estudos em História Oral – NEHO/USP, na perspectiva da história oral com religiosos. Adverte-se ao leitor de que em “O caso do NEHO/USP” ocorre a ampliação intencional do escopo à perspectiva da memória religiosa conforme tratada por pesquisadores do Núcleo. Por isso, traz-se (de forma desperta à análise) experiências de pesquisadores com entrevistados católicos, evangélicos e de matriz afro-brasileira⁶.

Memória Requalificada

Segundo Astrid Erll (In ERLI; NÜNNING, 2010, p. 8), os estudos de memória foram fenômenos internacional e transdisciplinar revividos no início do século XX. Depois do ano de 1900, portanto, diferentes autores das ciências humanas e sociais se ocuparam com a *dimensão mnemônica* da vida. Não somente com aquela característica de abordagens típicas da historiografia convencional, mas, de igual forma, com as lembranças e a própria atividade de recordação⁷.

A propósito, disse Erll que

Around 1900, scholars from different disciplines and countries became interested in the intersections between culture and memory: notably Sigmund Freud, Henri Bergson, Emile Durkheim, Maurice Halbwachs, Aby Warburg, Arnold Zweig, Karl Mannheim, Frederick Bartlett,

⁶ Por lógico, compreende-se que, para além do NEHO/USP, outros grupos, laboratórios e núcleos fazem caminho semelhante ao estudarem as experiências religiosas (o que é bem-vindo).

⁷ Evidentemente os estudos sobre a memória não são exclusivos desse período, posto que, a partir da chamada “história da memória”, faz-se possível situá-los em diferentes momentos como demonstraram, entre outros, Paul Ricoeur em *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (2000) e Aleida Assmann em *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011).

and Walter Benjamin [...] Early memory studies is thus a typical example of an emergent phenomenon, cropping up at different places at roughly the same time – a process which would be repeated in the 1980s, with the “new memory studies” (ERLL In ERLI; NÜNNING, 2010, p. 8)⁸.

Ainda que atuando com diferentes pretensões, variações postas e fundamentações nos pressupostos analíticos da sociedade, a memória indicou ser catalisadora de novos critérios para estudos. ErlI aduziu, ainda, que entre os estudiosos da memória no alvorecer do século XX existiram aqueles que se criticavam mutuamente, remontando, assim, certo campo em ebulição (ERLL In ERLI; NÜNNING, 2010, p. 8). Sobre a memória religiosa, Danièle Hervieu-Léger e Jean-Paul Willaime coligiram determinado rol de estudiosos com relevantes discussões que implicaram direta ou indiretamente a vida religiosa antes ou depois do ano de 1990: Karl Marx, Alexis de Tocqueville, Max Weber, Georg Simmel, Émile Durkheim, Maurice Halbwachs, Gabriel Le Bras e Henri Desroche (2009)⁹.

Foi somente na década de 1980 – depois da (mais do que) discutível *death of history*; da importante *narrative turn* e da *anthropological turn* – que, contudo, os estudos mnemônicos adquiriram maior relevância¹⁰. Sem deixar de mencionar a *linguistic turn* e a *digital turn* – mas, ainda, sem superestimar a ideia de “viradas epistemológicas” –, em tempos mais recentes, a memória coletiva se tornou fenômeno vertiginoso de estudos.

Elementos históricos dimensionados pelo concreto como guerras e pós-guerras, além de revoluções, ditaduras ou aberturas democráticas propiciaram retomadas de memórias que não prescindiram de espaços onde também a *via religiosa* se inscreveu. A possibilidade de se entrevistar pessoas a partir da escrita de projetos característicos de história oral não dispensou a requalificação da memória. Nesse caso, a memória não pode ser entendida, *stricto sensu*, como lugar de *guardar lembranças* ou meros *conteúdos informacionais*,

⁸ Por volta de 1900, estudiosos de diferentes disciplinas e países interessaram-se pelas intersecções entre cultura e memória: nomeadamente Sigmund Freud, Henri Bergson, Emile Durkheim, Maurice Halbwachs, Aby Warburg, Arnold Zweig, Karl Mannheim, Frederick Bartlett e Walter Benjamin [...]. Os primeiros estudos de memória são, assim, um exemplo típico de um fenômeno emergente, que se desenvolve em locais diferentes ao mesmo tempo - um processo que se repetiria nos anos 80, com os "novos estudos de memória" (ERLL In ERLI; NÜNNING, 2010, p. 8).

⁹ Anote-se que, por lógico, são autores de diferentes campos com posturas em alguns casos discrepantes ou mesmo antagônicas.

¹⁰ Ver: IGGERS, Georg G. *Historiography in the Twentieth Century—From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*. Hanover: Wesleyan University Press, 1997.

mas como espaço vivo – vital, criativo! –, capaz de reelaborar o passado a partir do *tempo presente* (ROUSSO, 2016).

A *história do tempo presente* considera “levar em conta as grandes tragédias que continuam a assombrar os vivos, muitos deles sobreviventes de grandes catástrofes sociais” conforme ponderaram Luiz Felipe Falcão e Sílvia Fávero Arend ao apresentarem a obra *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo* de Henry Rousso (In ROUSSO, 2016, p. 10). O *assombro dos vivos* neste caso, aliás, pressupõe que se considere também aqueles afetados pela *memória de Vichy*, e, no contexto latino-americano, pelas agruras impostas por ditaduras do cone sul. Propostas em torno da *história oral*, em particular, e de *fontes orais*, em sentido mais amplo, revelaram memórias de religiosos implicados na luta política contra o arbítrio (SEAWRIGHT, 2016).

A história oral, a memória e o *tempo presente* não estão nada dissociados da vida concreta. No *empírico*, porque, à guisa de verificação, Svetlana Aleksíevitch, entre outros, demonstrou a relação da memória verbalizada e de desastres com significativas consequências quando apostou na força das histórias presentes em seus livros como o premiado *Vozes de Tchernóbil: história oral do desastre nuclear* (2016), e outros, tais como: *A Guerra não tem rosto de mulher* (2016) ou *As últimas testemunhas* (2018). À sua maneira, Maria Luiza Tucci Carneiro organizou a coleção *Vozes do Holocausto: Refugiados do Nazifascismo e Sobreviventes da Shoab (Brasil 1933-2007)* com 6 volumes (2017a; 2017b; 2018a; 2018b; 2020; 2020b).

O amálgama entre os massacrados pela *Shoab* é amiúde referido em estudos historiográficos. Do ponto de vista da pertença, contudo, a formação religiosa da *comunidade judaica* – uma espécie de *comunidade espiritual* – não é, por suposto, irrelevante. Pelo reverso, a memória religiosa emoldura experiências humanas desde os mitos às narrativas como gestos vivazes da sobrevivência ao vilipêndio, ao *horror*. Foi também com a memória religiosa que se pôde sobreviver.

As primeiras iniciativas de história oral no Brasil remontam tardiamente à década de 1970 conforme situaram Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (In FERREIRA; AMADO, 2006, p. IX), além de José Carlos Sebe Bom Meihy (In ALBERTI; FERNANDES; FERREIRA, 2000, p. 97). Foi na *redemocratização*, à época da queda do muro de Berlim e na transição da ditadura militar à democracia que a área se tornou escolha crescente entre pessoas de dentro ou de fora da academia. Precisamente nesse momento o elemento mecânico e racionalista – legados entre as últimas décadas do século XX e os primeiros anos do século XXI – perderam força.

Porque, no século XXI, novo vínculo societário emergiu candente inclusive com a argamassa da memória (MAFFESOLI, 1998). Ademais, as religiões, as religiosidades e as

espiritualidades passam a pertencer ao movimento crescente do “*estar-junto*” que reclama por lembranças bem costuradas, por vínculos constituídos (MAFFESOLI, 2016).

Ainda que estudos sobre a ditadura militar e os grupos religiosos, sobretudo evangélicos, tenham primado pelo *denominacionalismo* como senha à explicação do conjunto repressor (SOUZA, 2013; ALMEIDA, 2016), a alternativa de se compreender certa *estrutura religiosa* a partir da memória do religioso pode ser caminho orgânico ao entendimento das vivências de quem transitou por diferentes espectros políticos (SEAWRIGHT, 2016).

Se, então, o documento escrito do tipo *jornal confessional* demonstra a maneira controlada pelos mecanismos institucionais, a sondagem da memória religiosa por meio da oralidade inverte os polos do poder ao sinalizar para a criatividade tanto da fé quanto da forma de imprimir significados aos escolhos políticos¹¹.

Disseram Hervieu-Léger e Willaime, que o “caráter religioso de uma crença reside” num “tipo particular de mobilização da memória que faz da lembrança enraizada em uma história localizada no tempo e no espaço”; doutra parte – rompendo a lógica da sucessão factual – é na própria enunciação da fé e de seu eventual enlace com o político que se tem possibilidade de análise orgânica, vivaz ou produtora *no* laço social (2009, p. 236). A propósito do *laço societário*, como prefere Michel Maffesoli, a *memória coletiva* inscrita no *presente* está entremeadada às estruturas duráveis: “memória que pertence ao povo em sua totalidade, voz imemorial que, se se sabe ouvi-la e escutá-la, constitui a única via possível para uma serena harmonia societal” (MAFFESOLI, 2016, p. 72).

Azo para se pensar tanto a perspectiva do *passado* harmônico ou não, quanto a *elaboração da espera* – embora seja o *presente* que determine os tempos vividos *já*: “diagnóstico-prognóstico: conhecimento através do tempo (*diá*) garantindo um conhecimento do que está por vir (*pro*)” (MAFFESOLI, 2016, p. 72). Nada parece ser mais o “diagnóstico-prognóstico” social – uma espécie de apanágio da sociedade –, do que a narrativa religiosa, que vê em retrospectiva o passado *mítico* enquanto elabora na espera um futuro profético (DESROCHE, 1973). Por essas razões se considera que a história oral é uma alternativa relevante para estudos da memória religiosa pela *via do empírico*.

¹¹ Recentemente, dois artigos foram escritos a partir de *O Jornal Batista* (de fontes escritas) e podem servir à análise sobre diferenças na construção do *corpus documental* da pesquisa: *O apoio ao golpe do Estado Novo nas páginas de O Jornal Batista: contra o comunismo, em favor da pátria e de Deus* (SEAWRIGHT, 2020) e *Batistas na Era Vargas: da Revolução de 30 ao prosclínio do Estado Novo* (SEAWRIGHT, 2022).

História Oral e projetos com religiosos

A história oral como alternativa para os estudos circunscritos ao *tempo presente* não prescinde de experiências do *homo religiosus* seja nas instituições ou fora delas, assim como de movimentos religiosos difusos na malha social. Também para a religião e para as religiosidades a memória é elemento que vincula, que dá a liga, que produz o amálgama; o sentido hodierno do *estar junto*. Dessa forma, a memória religiosa é, antes de qualquer coisa, campo sempre mutável e de lembranças dinamizadas pela narrativa da fé, pelas trajetórias da fé, pela Palavra. Porque a Palavra e a narrativa decorrem do vivido – o que pressupõe a marca da oralidade como elementar: a Palavra é, assim, o próprio verbo da memória. Nada mais humano.

Disse Paul Thompson – a propósito do humano – que a história oral é uma “história construída em torno de pessoas”, que, portanto, traz a “história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” (1992, p. 44). Histórias ou *memórias faladas*, conforme se prefere, são também construtos de pessoas religiosas e privilegiam não somente o conteúdo teológico formal de igrejas ou grupamentos religiosos, mas a dicção da experiência, das percepções sociais reelaboradas sob a perspectiva da espiritualidade¹².

A história oral, à maneira de Robert Perks e Alistair Thomson,

could be ‘a powerful tool for discovering, exploring, and evaluating the nature of the process of historical memory— how people make sense of their past, how they connect individual experience and its social context, how the past becomes part of the present, and how people use it to interpret their lives and the world around them’ (PERKS; THOMSON *In* PERKS; THOMSON, 2016, p. 4)¹³.

¹² A distinção necessária entre o especialista que disserta sobre o “conteúdo das crenças” e o religioso que “fala de seu sentido” no “cotidiano da vida” já foi estabelecida por Lauri Emilio Wirth (2003, p. 181).

¹³ [...] poderia ser ‘uma ferramenta poderosa para descobrir, explorar e avaliar a natureza do processo da memória histórica – como as pessoas dão sentido ao seu passado, como elas conectam a experiência individual e seu contexto social, como o passado se torna parte do presente e como as pessoas o usam para interpretar suas vidas e o mundo ao seu redor (PERKS; THOMSON *In* PERKS; THOMSON, 2003, p. 2 – 3).

Ainda que o *estatuto* da história oral como mera ferramenta esteja superado para grande parte dos oralistas¹⁴, importa relevar o sentido dado pelas pessoas ao próprio passado. Mais do que simples “uso do passado”, trata-se de como a própria *persona* pode conferir significados ao curso da experiência. Se na História a Palavra dos místicos posta em duração foi essencial para a análise de Michel de Certeau (2015), na história oral do presente, e feita no *tempo presente*, a Palavra do fiel – seja membro do clero, seja leigo ou pertencente às mais diversas formas de religiosidades –, é elementar e indissociável da própria experiência da fé.

É de escuta que se diz quando o que se pretende é dar ouvidos à Palavra da mística, e, segundo o *modus loquendi* de cada comunidade, esse exercício se torna imperioso ao reportar memórias grupais. Por que, então, não perguntar ao religioso o que ele pensa da teologia, da conversão, da experiência da fé e de assuntos sagrados? Por que não perguntar e problematizar suas acepções político-teológicas?

História oral é, outrossim, um “procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” – conforme Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p. 15). A importante assertiva de Delgado, contudo, antecedeu-se pela ponderação de José Carlos Sebe Bom Meihy em seu *Manual de História Oral*: “história oral é um conjunto de procedimentos” que pode, em outras palavras, coligir esforços inauguratórios – metodologicamente constituídos – em projetos de pesquisa (MEIHY, 2005, p. 17).

Ad continuum, Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado afirmaram que a “história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho” (FERREIRA; AMADO In FERREIRA; AMADO, 2006, p. XVI). A importante dimensão metodológica ressaltada pelo texto de Ferreira e Amado, porém, serve de sustentação às investigações da memória embora se possa evitar o caráter hipossuficiente da história oral presente na recorrência da palavra “apenas”. Ferreira e Amado têm a virtude, é claro, de mostrar – em obra clássica e respeitada pelo campo – de que procedimentos de história oral podem ser “ordenados” (o que faz pensar em projetos de pesquisa), embora a experiência de grande parte dos pesquisadores já tenha colocado à prova os pressupostos de que a história oral “formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas” ou de que explicações “devem ser buscadas na historiografia e na teoria da história” (FERREIRA; AMADO In FERREIRA; AMADO, 2006, p. XVI).

¹⁴ A maior parte dos pesquisadores em história oral chamam os operadores da área de “historiadores orais”. Outra parte escolhe a palavra “oralista” por considerar que nem todos os praticantes da área são historiadores. Seria constrangedor inventar: “filósofo oral”, “pedagogo oral”, “sociólogo oral”, etc.

É justamente pelo reverso, isto é, pela percepção da empiria qualificada pela reflexão procedimental que as explicações das entrevistas são contributos das próprias entrevistas compreendidas no conjunto. Nesse sentido, importa “considerar que chamamos história oral os processos decorrentes de entrevistas gravadas, transcritas e colocadas a público segundo critérios predeterminados pela existência de um projeto estabelecido” (MEIHY In FERREIRA; FERNANDES; ALBERTI, 2000, p. 93). Por essa vertente, considera-se superada de antemão, desde parte dos introdutores da história oral no país, a posição de que a história oral seria mero “recurso valioso para variados estudos sobre vidas, sobre grupos sociais [...]” (SANTHIAGO; MAGALHÃES In SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2013, p. 10). Está em xeque, desse modo, tanto uma história oral com feições de hipossuficiência, quanto elaborações que a submetam à vassalagem epistêmica ou “recursal”.

A valorização do *projeto* como elemento indispensável para a feitura da história oral surgiu, no caso brasileiro, como corolário dos pioneiros da história oral. Posto que, ao passo que recebiam críticas exacerbadas da *tradição academicista* centrada no escrito como “código supremo” (ou dogmático?), tinham incumbência de consolidar o campo por meio da organização de pressupostos. Para os estudos da memória religiosa, o projeto é essencial. Porque traz a linguagem e a memória espirituais do código oral que, não raro, conforma a experiência para o concreto vertido em sua passagem ao código escrito (em forma de *documento da vida*).

Ao mesmo tempo, Alessandro Portelli, que considera a história oral como “arte dell’ascolto” (PORTELLI, 2010, p. 126)¹⁵, traz como suposto – embora não exclusivamente –, as subjetividades entre as partes: “è la disponibilità dello storico all’ascolto che instituisce dialogicamente la possibilità del narratore di parlare”¹⁶, enquanto é “la disponibilità del narratore a parlare che permette allo storico di fare il suo lavoro” (PORTELLI, 2010, p. 128)¹⁷.

No caso da memória religiosa se estabelece especial relação entre os entrevistadores e entrevistados que falam com frequência de elementos que transpõem o campo doutrinário formal. Isto porque quando se está falando do campo religioso é necessário observar que relações institucionais, ou mesmo relações de poder, que subjazem instituições confessionais não elidem necessariamente a *persona* do crente (que vive a espiritualidade no dia a dia).

¹⁵ Arte da escuta (PORTELLI, 2010, p. 126).

¹⁶ É a vontade do historiador de escutar que institui dialogamente a capacidade de falar do narrador

¹⁷ A vontade do narrador de falar que permite ao historiador fazer o seu trabalho

Reconhece-se, assim, que no caso de religiosos a narrativa não está alheada do testemunho da própria fé numa experiência de intercâmbio de sentimentos, posturas, confidências. Dessa maneira sobressalta o caráter procedimental que toda a vivência da fé requer. Convém considerar que a natureza procedimental da história oral, encartada – ainda que com diferenças importantes – em autores como Alberti, Delgado, Ferreira, Meihy e Seawright, entre outros, não faz supor de que o que se propõe é uma *camisa de força*, seja à maneira de certa *metodologia enrijecida*, seja como forma de *matéria* de apreensão dos fenômenos sociais (neste caso, do fenômeno religioso).

Não seria assim com a memória que, aliás, carrega consigo a flexibilidade, a plasticidade, a elasticidade – os próprios sentimentos que crenças pressupõem: percebida pelo *empírico* do campo de pesquisa, a memória é: “maleável, espiralada, nem sempre diretiva, repleta de vaivéns”, e, ademais, insinua-se como “fator constante na transformação do organismo social” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 23). Discorda-se, desse modo, de posições que consideram o *aparelho mnemônico*, portanto, como sendo algo estanque ou paralisado por acontecimentos guardados/retidos como querem alguns respeitáveis autores, para os quais a “memória atualiza e presentifica o passado, uma vez que é retenção, mesmo que inconsciente ou encoberta da experiência vivida e dos sentimentos preservados” (DELGADO, 2003, p. 16 – 17).

Aquiescendo-se com Portelli, torna-se possível dissentir de argumentos segundo os quais a memória seria “retenção” do passado. Porque, por evidente, o campo mnemônico não é “mero depósito di dati da cui recuperare informazioni, ma um processo in continua elaborazione [...]” (2010, p. 130)¹⁸, pensa-se na memória religiosa não só como depositária de dogmas bem guardados (ainda que os dogmas tenham lugar na vida religiosa), mas como dinâmica, aberta, construída em progressividade.

A memória religiosa coaduna, portanto, tais elementos derivados do componente da experiência religiosa: o pentecostal, à guisa de verificação, que ora em línguas estranhas, *glossolalia*¹⁹; que, além disso, tem visões de anjos; que narra uma profecia, está provendo a mistura desejável da “argamassa religiosa”. O católico que, por seu turno, rememora o *sacrifício* do Cristo reporta à memória mesma no momento da *eucaristia*: “toda religião tem também sua história, ou antes, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos geralmente muito distantes no passado, e que aconteceram em lugares determinados” (HALBWACHS, 1990, p. 257).

Porque sequer se pode falar do passado salvífico (a “redenção” pela memória na *eucaristia*) ou do futuro imaginado (a *escatologia* como memória do porvir), renunciando a

¹⁸ Mero repositório de dados do qual obter informações, mas um processo de elaboração contínua [...]” (2010, p. 130).

¹⁹ *Glossolalia* é o gesto ritual de orar em línguas estranhas.

potência da verbalização de lembranças nucleares da matéria religiosa. Não se trata de acreditar ou não na experiência religiosa, corroborando com suas aparências verossímeis ou questionando seus fundamentos. Trata-se, antes, de compreender a feição da memória oralizada e as verbalizações da fé em seu contexto imediatamente espiritual ou social. Assim é que, por exemplo, a percepção peculiar da fé católica impinge a sensação de que “Jesus Cristo foi crucificado não somente sobre o Gólgota, mas por toda parte onde se adora a cruz, e que não foi somente no Cenáculo que ele comungou com seus discípulos”, senão “em todo lugar onde é celebrado o sacrifício da missa, e onde os fiéis se aproximam do altar da comunhão” (HALBWACHS, 1990, p. 158).

De *parte a parte*, entretanto, seja na memória religiosa cristã – católica ou protestante –, seja nos cultos de matriz africana, entre outros, é possível escutar a memória religiosa através do *disparo da fala* do crente ou de quem a pratica na dinâmica que lhe é própria. A história oral, sendo conjunto de procedimentos, conforme assentado, empresta ouvidos a quantos queiram exprimir suas crenças dinamizadas por experiências de “mares agitados” ou por quietudes do estado de espírito humano que acalenta impressões contemplativas *prima facie*. Sem homogeneizar a história oral como se existisse tendência única, mas sem deixá-la solta entre operações difusas ou mal explicadas, tatear a experiência religiosa com os ouvidos modifica pesquisas qualitativas no campo das humanidades.

Nesse eito, a dissertação de Cristina Kelly da Silva Pereira, defendida na Universidade Metodista de São Paulo – UMEP, problematizou de forma relevante o preconceito racial e o racismo no cotidiano da Igreja Batista Maranata situada na periferia da cidade de São Paulo ao lançar mão de diferentes aportes entre as várias tendências de história oral no Brasil.

Conforme a autora, uma vez

que este estudo se interessa por processos históricos do tempo presente e se preocupa em dar voz aos que foram silenciados pela história dominante, foi escolhido como método de investigação científica a História Oral. Pois trata-se de um método que permite pensar na particularidade, pressupondo que as subjetividades são categorias importantes para se entender um processo histórico, sem desprezar as estruturas sociais e a função da religião na sociedade, permitindo um enfoque da temática em pauta, a partir da vivência religiosa dos sujeitos (PEREIRA, 2008, p. 12).

A pesquisa de Pereira tem a virtude examinar, desse modo, o concreto das relações preconceituosas e racistas no âmbito de uma *igreja local*. Trata-se de pesquisa que, não obstante valorizar a subjetividade, desfruta de certa “*coragem da empiria*” porque se refere ao problema circunscrito às próprias narrativas de religiosos. Embora carregue consigo jargões acadêmicos como o ultrapassado “dar voz”, a autora demonstrou com acurácia de que a história oral pode ter compromisso com quantos sofram circunstâncias ingratas na urdidura da fé em meio à vida social. Nesse desiderato, Pereira fomentou a percepção indireta de que é possível fazer história oral com olhos fitos em políticas públicas e na defesa de direitos humanos.

O caso do NEHO/USP

O Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo – NEHO/USP, reuniu pesquisadores que envidaram esforços no *duplo*: memória de expressão oral e experiência religiosa. Embora a *vida espiritual*, por assim dizer, possa ser encontrada em entrevistas que perpassam pesquisas de temáticas diversas nos trabalhos de pesquisadores do NEHO/USP, algumas investidas, em particular, foram dedicadas à compreensão do campo religioso por meio da oralidade contida na enunciação mnemônica.

Do pesquisador Lourival dos Santos, atualmente professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, tem-se a dissertação apresentada no ano 2000: *Igreja, Nacionalismo e Devoção Popular: As Estampas da Senhora Aparecida: 1854 – 1978*; além da tese defendida em 2005: *A família Jesus e a Mãe Aparecida: História Oral de devotos negros da Padroeira do Brasil*. A instigante tese baseada no gênero narrativo de história oral de vida²⁰ foi, entre outras coisas, de que a Senhora Aparecida passou por processo de enegrecimento através da africanização do ícone católico. Com base em histórias de pessoas comuns, Santos operou na chave do que considerou ser “religiosidade popular”, de “questões raciais” e da “história de família” – notadamente da “família Jesus”. Neste caso, a memória familiar e, assim, de parcelas católicas atuaram para recriar no cotidiano sofrido o vínculo social como estratégia à sobrevivência do grupo.

Anos depois da apresentação de sua dissertação e da defesa de sua tese doutoral no Programa de Pós-graduação em História Social – FFLCH/USP, em 2011, durante XXVI Simpósio Nacional de História, da ANPUH, Santos expôs a síntese de sua obra conforme consta dos *anais do evento*:

²⁰ Há quatro gêneros narrativos praticados em história oral: história oral de vida, história oral temática, história oral testemunhal e tradição oral. A *história oral de vida*, pelo que se sabe, é o gênero narrativo mais praticado no Brasil (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 62).

A família Jesus transitou de Nacip Raydan, em Minas Gerais, para São Paulo em busca de um lugar onde pudessem gozar de cidadania. Saiu de seu lugar de origem na condição de explorados para buscar melhores condições de vida na condição de cidadãos (vendedores, operários, sacerdote). Nessa travessia ou caminhada – para usar um termo caro para padre Enes e os agentes de pastoral católicos - eles re(elaboram) suas memórias, situando-as em três tempos/espços distintos: o passado em Minas Gerais, o presente em São Paulo e o futuro em Aparecida. Todos aprenderam muito durante a trajetória [...] Como não existissem alternativas institucionais que os auxiliassem nessa travessia, eles se apoiaram na crença da imagem da Aparecida para criar o seu próprio espaço de convívio e interação com o resto da sociedade. O enegrecimento da imagem foi uma estratégia para obterem sucesso no seu projeto de migração. Assim se constituiu a “saga” da família: na transição de uma imagem negativa para uma imagem positiva na fabricação de uma negritude com o auxílio da Padroeira (SANTOS, 2011, p. 1 – 2).

Por seu turno, Natanael Francisco de Souza apresentou no Programa de Pós-graduação em História Social – USP, no ano de 2008, sua dissertação intitulada *Primeira Expansão Pentecostal no Brasil: a canção da mudança (1960 – 1980)*. Em sua dissertação, Souza entrecruzou entrevistas próprias do gênero narrativo de *história oral temática* com fontes orais advindas da música pentecostal (2008). Colecionador de uma pilha de *Long Plays* evangélicos, o autor, oriundo de família pentecostal e professor da Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia de São Paulo, dedicou-se a compreender o movimento a partir de seu elemento precípuo: a oralidade.

Souza defendeu, ademais, tese doutoral intitulada *Diálogos Evangélicos: teologias do Sul e liturgias de ministros do Ministério de Cristo* –, oportunidade em que apresentou relevante elenco de entrevistas de história oral com religiosos (2022). Foi desse modo que o autor problematizou assuntos do campo religioso em homologia com a ambiência político-teológica do presente. Sua tese doutoral foi escrita durante a pandemia de Coronavírus, sob a sanha antidemocrática do *Messias* Bolsonaro, e, depois, defendida no DIVERSITAS/USP em perspectiva *decolonial*. O oralista entrevistou diferentes líderes

evangélicos do presente: Ariovaldo Ramos, Marco Davi de Oliveira, Dandara, Fábio Bezerril e Ricardo Gondim para, na sequência, analisar não somente o fundamentalismo evangélico, mas o evangelho social e a nominada “missão integral da igreja”.

O autor trouxe a lume assuntos como, entre outros, negritude, feminismo, homossexualidade, anticomunismo e crenças que seriam “dissidentes”. Recorreu às teologias do Sul a partir da memória de expressão oral de crenças heterodoxos em conflito com a extrema-direita então no poder sob o governo do *Messias* Bolsonaro.

Entremeando história oral e memória religiosa, Souza ponderou que

A invocação caracterizada pela mobilização da lembrança do passado mítico tem forte apelo sobre camadas em situação de frustração social e cultural – não se trata, necessariamente, de condição de exclusão social ou marginalização, mas de elementos de memória religiosa. Destarte, a rejeição ao que se apresenta pela sociedade, demanda armas de combate e reafirmação disponibilizadas pela memória (SOUZA, 2022, p. 50).

Ao assumir a memória religiosa como liame entre lembranças verbalizadas e teologia, o autor indicou a potência do trabalho com a Palavra gravada para projetos de história oral. Ao mesmo tempo em que, na escrita, promoveu-se arguta aproximação do “espiritual” com elementos sociais, culturais e políticos, procurando requalificar trabalhos com grupos ou líderes cristãos angulados pelas recordações.

Além das pesquisas de Santos e de Souza, há a tese (*Re/des*)conectando gênero e religião: *Peregrinações e conversações trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook*, defendida por Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho no Programa de Pós-graduação em História – FFLCH/USP, em 2014. O autor, um pouco menos alinhado à prática da maior parte dos pesquisadores do NEHO/USP, e, ainda mais distanciado das formas usuais do *Departamento de História da USP*, resumiu sua importante tese de forma peculiar:

Você já parou prá pensar se seu gênero é fluido ou fixo? Se sua religiosidade se manteve “intacta” durante sua história ou foi se modificando? Se gênero e religião se (com)fundiram durante sua jornada?

Em (*Re/des*) conectando gênero e religião: *Peregrinações e conversações trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook* reflito os atos de fazer + *desfazer* + *refazer* gênero

e religiosidade através de *redes* formadas por pessoas cis, trans* e ex-trans*.

Tais *redes (re/des)* conectam determinados discursos religiosos/genericados e diferentes *peregrinações e conversões de gênero e religião*, demonstrando distintas *(re/des)engenharias de identidades, corpos e almas religiosos@as e genericad@s*. Estas *(re/des)confeções* são percebidas através de etnografia ciborgue que mescla trabalho de campo on+off-line, privilegiando história oral e incursões no Facebook, em igrejas inclusivas e ministério de recuperação/*conversão* de travestis, etnografia ciborgue, história oral, Facebook (MARANHÃO FILHO, 2014, p. 15).

O que se percebe, analisando-se as teses de Santos, Souza e Maranhão Filho, é que o eixo central em torno da memória religiosa enseja as abordagens em *redes* sobre assuntos elementares nas relações de *raça, gênero, classe, identidades* e da *política* no seu sentido menos reducionista. Maranhão Filho aborda de forma franca e autêntica problemas no mais das vezes negligenciados pela “*academia dominante*”.

Rodrigo Casali, de outro ângulo, defendeu tese no DIVERSITAS/USP descolada dos cristianismos, o que provocou debate essencial sobre história oral e religiões de matriz afro-brasileira. Em *Guias e Orixás: narrativas de expressões orais sobre os Candomblés do MS*, tese defendida em 2016, Casali contou a história da presença do Candomblé em Mato Grosso do Sul a partir de procedimentos característicos da história oral. Sem perder do escopo a relação entre o Candomblé nas cidades de Campo Grande e Corumbá, o autor incursiu em barracões e terreiros ao mesmo tempo em que demonstrou as relações da espiritualidade de matriz afro-brasileira em Mato Grosso do Sul com outros estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, entre outros. A tese combina, portanto, entrevistas de história oral, fotografias e outros suportes documentais com análises feitas a partir de *redes* consolidadas no interior da *comunidade espiritual*.

Casali, que é professor das Universidades Integradas de Botucatu – UNIFAC, defende que

A oralidade é muito importante nos terreiros e presente em sua constituição ritualística e na manutenção da própria memória. Por esse motivo, não é tão simples ligar um gravador diante de um pai ou mãe de santo e lhe fazer perguntas [...] Assim, uma pesquisa que tenha como objeto

de estudo os terreiros de Umbanda e Candomblé, terá que ter por base metodológica a oralidade, ou dentro do campo da História, como é chamada, a História Oral (CASALI, 2016, p. 23).

Ao lado das pesquisas mencionadas, há a tese doutoral *Ritos da oralidade: a tradição messiânica de protestantes no Regime Militar Brasileiro* defendida por Leandro Seawright em 2015. Esta tese põs em evidência a tensão entre evangélicos de diferentes denominações a partir do conflito em torno de ideologias cindidas durante a Guerra Fria, bem como as consequências concretas em torno de graves violações de direitos humanos para muitos deles (SEAWRIGHT, 2016)²¹.

Num *dossiê* sobre *Religiões e Religiosidades*, da Revista Oralidades, então editada pelo NEHO-USP, diferentes perspectivas foram apresentadas por autores com base na relação das experiências de fé e a história oral. É o caso de Santos que escreveu o artigo intitulado “*História oral de devotos negros da Padroeira do Brasil: projeto familiar e estratégia de pertencimento à Comunidade Nacional*” (2007, p. 31). Também é o caso de Marcos Roberto Brito dos Santos que produziu texto intitulado “*Memórias da Teologia da enxada: uma interpretação desta experiência a partir da análise de fontes orais*” (2007, p. 103). Vários outros artigos foram apresentados nesta edição da Revista Oralidades, mesmo de pesquisadores que não tinham maiores afinidades com o campo da história oral (ARAGÃO; CUNHA, 2007, p. 83).

Considerações finais

A partir deste artigo propedêutico – que retoma de forma ulterior a experiência do NEHO/USP –, é possível constatar que a relação entre história oral e memória religiosa é profícua. Que, contudo, ainda se tem espaço aberto para perspectivas continuadas de pesquisa em *memória de expressão oral*. Iniciativas já relevantes na intersecção entre história oral, memória religiosa e tempo presente se mostram ainda incipientes. Sabedor de que outros grupos de pesquisa, além de laboratórios e núcleos, também têm pesquisas com religiões, religiosidades e espiritualidades na perspectiva da história oral, resta que investidas nesse campo sofrem ainda preconceções arraigadas em setores da academia brasileira.

Para enfrentar consequências acadêmicas/sociais sobre o entendimento do fenômeno religioso a partir do *empírico*, neste encete se considera que (I) pesquisas em

²¹ Escolhe-se manter referência apenas pontual dessa pesquisa por ter sido defendida pelo autor do presente artigo, que, neste ensejo, pretende *falar menos de seu trabalho* e mais de outros pesquisadores.

história oral e sobre as experiências religiosas podem ser alternativamente estimuladas para (II) que se conheça não apenas os fundamentos elementares das crenças, mas também suas vivências. Por isso, faz-se possível, em eventos e em iniciativas coletivas, além de publicações, promover-se (III) o diálogo sobre a importância do conteúdo da fé e sua relação com a sociedade (política, cultural, etc). Se se pergunta com legitimidade para outras comunidades a razão e o sentido de suas trajetórias, pode-se fazê-lo em relação àqueles que creem (ou que descreem).

Referências

- AGNOLIN, Adone. *História das Religiões*. Perspectiva Histórico-Comparativa. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *As últimas testemunhas: crianças na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil: A história oral do desastre nuclear*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *“Pelo Senhor, marchamos”*: Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964 – 1985). Tese (Doutorado em História Social) – UFF, 2016.
- ARAGÃO, Iury Parente; CUNHA, Magali do Nascimento. Mídia e devotos: vozes formadoras do discurso sobre um santo popular, Motorista Gregório. *Revista Oralidades*, São Paulo, ano 4, nº 8, pp. 83 – 102, jul./ago. 2010.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 1, pp. 9 – 23, 2001.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Histórias de Vida: Refugiados do Nazifascismo e Sobreviventes da Shoah (Brasil 1933 – 2017)*. Vol. 1. São Paulo: Maayanot, 2017.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Histórias de Vida: Refugiados do Nazifascismo e Sobreviventes da Shoah (Brasil 1933 – 2017)*. Vol. 2. São Paulo: Maayanot, 2017.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Histórias de Vida: Refugiados do Nazifascismo e Sobreviventes da Shoah (Brasil 1933 – 2017)*. Vol. 3. São Paulo: Maayanot, 2018.

- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Histórias de Vida*: Refugiados do Nazifascismo e Sobreviventes da Shoah (Brasil 1933 – 2017). Vol. 4. São Paulo: Maayanot, 2018.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Histórias de Vida*: Refugiados do Nazifascismo e Sobreviventes da Shoah (Brasil 1933 – 2017). Vol. 5. São Paulo: Maayanot, 2020.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Histórias de Vida*: Refugiados do Nazifascismo e Sobreviventes da Shoah (Brasil 1933 – 2017). Vol. 6. São Paulo: Maayanot, 2020.
- CASALI, Rodrigo. *Guias e Orixás*: narrativas de expressões orais sobre os Candomblés do MS. Tese (Doutorado em História Social) – USP, 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A Fábula Mística – séculos XVI e XVII*, volume 1. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, Rio de Janeiro, 6, p. 9-25, 2003.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral*: memória, tempo identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *História do tempo presente*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- DESROCHE, Henri. *Sociologie de l'espérance*. Paris: Clamann-Lévy, 1973.
- ERLL, Astrid. Cultural Memory Studies: An Introduction. In ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Orgs.). *A Companion to Cultural Memory Studies*. Berlim: Walter de Gruyter, 2010.
- FALCÃO, Luiz Felipe; AREND, Silvia Maria Fávero. Apresentação. In ROUSSO, Henry. *A última catástrofe*: a história, o presente e o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV, 2016, p. 9 – 11.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & Abusos da história oral*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. VII – XXV.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértices; Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e religião*: abordagens clássicas. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

- IGGERS, Georg G. *Historiography in the Twentieth Century—From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*. Hanover: Wesleyan University Press, 1997.
- KIVITZ, Éd René. *Espiritualidade no mundo corporativo: aproximações entre prática religiosa e vida profissional*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – UMESP, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. *A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense, 2016.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *(Re/des)conectando gênero e religião: Peregrinações e conversações trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook*. Tese (Doutorado em História Social) – USP, 2014.
- MEIHY, J. C. S. B. Desafios da história oral Latino-Americana: o caso do Brasil. In FERREIRA, M.M; FERNANDES, T. M; ALBERTI, Verena (Orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz/FGV, 2000, p. 93 – 107.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. In FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e Narrativas: História Oral Aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.
- PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. *A História de um silêncio: um estudo de caso sobre questões da negritude em uma comunidade batista da periferia da cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – UMESP, São Bernardo do Campo, 2008.
- PERKS, Robert; THOMSON, Alistair. Critical developments. In PERKS, Robert; THOMSON, Alistair (Orgs.). *The Oral History Reader*. 3ª Ed. London; New York: Routledge, 2016.
- PORTELLI, Alessandro. *Um lavoro di relazioni: osservazioni sulla storia orale*. In <<https://www.aisoitalia.org/2009/01/un-lavoro-di-relazione/>>, Roma, n° 1, Gennaio 2010, p. 125 – 134. Acesso no dia 23 de janeiro de 2023.

- RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Editions du Seuil, 2000.
- RIVERA, Daria Paulo Barrera. *Linguagem, memória e religião no pensamento de Maurice Halbwachs*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 16, n° 15, pp. 1177 – 1196, set./dez. 2018.
- ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV, 2016.
- SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Apresentação. In SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (Orgs.). *Depois da utopia: a história oral no seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2013.
- SANTOS, Lourival dos. *A família Jesus e a mãe Aparecida: história oral de devotos negros da Padroeira do Brasil (1951 – 2005)*. Tese (Doutorado em História Social) – USP, 2005.
- SANTOS, Lourival dos. História oral de devotos negros da Padroeira do Brasil: projeto familiar e estratégia de “pertencimento” à Comunidade Nacional. *Revista Oralidades*, São Paulo, Ano 4, n° 8, pp. 31 – 46, Jul./Dez. 2010,.
- SANTOS, Lourival dos. História Oral de Vida de devotos da Padroeira Negra do Brasil: radicalização de um catolicismo afro-brasileiro. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo*, pp. 1 – 16, julho. 2011.
- SANTOS, Lourival dos. *Igreja, Nacionalismo e Devoção Popular: As Estampas da Senhora Aparecida: 1854 – 1978*. Dissertação (Dissertação em História Social) – USP, 2000.
- SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. Memórias da Teologia da Enxada: uma interpretação desta experiência a partir da análise de fontes orais. *Revista Oralidades*, São Paulo, Ano 4, n° 8, pp. 103 – 121, Jul./Dez. 2010.
- SEAWRIGHT, Leandro. A Comissão Nacional da Verdade e o caso dos protestantes durante a ditadura militar brasileira. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Maringá, Ano IX, n. 25, pp. 321 – 347, Mai./Ago. 2016.
- SEAWRIGHT, Leandro. Batistas na Era Vargas: da Revolução de 30 ao prosclênio do Estado Novo. *História* (São Paulo), São Paulo, v.41, 1 – 28, Jan./dez. 2022.
- SEAWRIGHT, Leandro. O apoio ao golpe do Estado Novo nas páginas de *O Jornal Batista*: contra o comunismo, em favor da pátria e de Deus. *Revista Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 24, n° 1, pp. 96 – 108, Jan./abr. 2022.

-
- SEAWRIGHT, Leandro. *Ritos da oralidade: a tradição messiânica de protestantes no Regime Militar Brasileiro*. Tese (Doutorado em História) – USP, 2015.
- SOUZA, Natanael Francisco de. *Diálogos evangélicos: teologias do Sul e liturgias de ministros do Ministério de Cristo*. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) – USP, São Paulo, 2022.
- SOUZA, Natanael Francisco de. *Primeira Expansão Pentecostal no Brasil: a canção da mudança (1960 – 1980)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, 2008.
- SOUZA, Silas Luiz de. *O respeito à lei e à ordem: presbiterianos e o governo militar 1964 – 1985*. Tese (Doutorado em História) – UNESP, 2013.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.